



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE  
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia  
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

## UM ESTUDO SOBRE O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR

BARROS, Paulo Cesar – UMINHO/PUCPR

paulo.barros@pucpr.br

CARVALHO, João Eloir – UMINHO/PUCPR

j.eloir@uol.com.br

PEREIRA, Maria Beatriz Ferreira Leite Oliveira – UMINHO

beatriz@iec.uminho.pt

Eixo Temático: Violências na escola

Agência financiadora: não contou com financiamento

### Resumo

Este estudo relaciona-se com outros na área do bullying na escola e procura analisar os conceitos e características dos comportamentos de bullying e as possibilidades de intervenção através das atividades lúdicas para a melhoria das relações no contexto escolar. Tem como objetivo o entendimento dos conceitos e características dos envolvidos com o fenômeno e ainda o reconhecimento das formas de vitimização e sinais que possibilitem a identificação e auxílio das vítimas, tendo como instrumento de intervenção as atividades lúdicas e recreativas desenvolvidas na escola. Este estudo de caráter qualitativo, aparece na sequência uma análise da revisão de literatura e do estudo de pesquisas de intervenção já realizadas em diversos países, no âmbito do doutoramento em Estudos da Criança, os quais estão em desenvolvimento e que possibilitaram o aprofundamento das questões norteadoras dos eixos temáticos relativos ao presente estudo, que vem de encontro com o tema relacionado à violência dentro da escola. Contudo, a intenção deste estudo em relacionar a violência com o lúdico, o lazer com a escola, seria propor mudanças significativas que possam prevenir as brigas, os conflitos e as confusões e contribuir para melhorar o ambiente escolar através do desenvolvimento de competências sociais de cooperação aprendidas em jogos, brincadeiras e ações que oportunizem momentos de alegria, integração e confraternização, nos quais, as crianças possam não apenas vivenciar o lúdico, mas também expressar o seu ímpeto em condições definidas e seguras, que permitam a liberação de sua agressividade espontânea e desta forma aprendam a respeitar, conviver e reconhecer o outro por meio das atividades lúdicas.

**Palavras-chave:** Bullying. Violência. Lúdico. Escola.

### **Conceitos sobre violência, indisciplina e bullying**

No primeiro momento deste trabalho torna-se necessário verificar os conceitos e características relacionados à violência, suas formas de manifestação e suas consequências, apontando dados que refletem a realidade deste fenômeno em diferentes contextos sociais.

Há diversas formas de violência no meio em que estamos inseridos, a violência **física** que se caracteriza pelo uso da força ou ainda por atos de omissão. A violência **psicológica** que consiste em um comportamento específico de um indivíduo ou um grupo de agressores, gerando tratamento desumano como a rejeição, indiferença, desrespeito e discriminação. A violência **política**, manifestada através de terrorismo que agregam em suas consequências a violência física ou por imposições ideológicas, que tem em suas metas a opressão social e a inadequação de determinados sujeitos ou idéias a sistemas politicamente incorretos. A violência **cultural**, através da substituição de uma cultura por um conjunto de valores forçados, não respeitando a identidade cultural existente. A violência **verbal**, que não raramente são acompanhadas da violência física e ainda a violência **sexual**, que é um abuso de poder onde uma criança ou adolescente torna-se uma gratificação sexual de um outra pessoa, forçados a práticas sexuais com ou sem violência física.

Um dos maiores desafios da humanidade, postergado ao século XXI, é o de extirpar as principais causas que ameaçam a construção da paz, dentre as quais se destaca a violência. Infelizmente, estamos vivendo uma época da história em que a violência se torna cada vez mais presente em todos os segmentos sociais. (Fante, 2005, p.20)

Portanto, podemos definir violência como “uma ação ou comportamento que vai causar dano a outra pessoa ou ser vivo. Nega ao outro a autonomia, a integridade física ou psicológica e até mesmo o direito à vida. Também pode ser entendida como o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado.” (Candau, Lucinda e Nascimento, 1999).

Lopes Neto & Saavedra (2003) ressaltam que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a violência como um problema crescente da saúde pública em todo o mundo, devido às suas consequências, seja para os indivíduos, famílias, comunidades ou países de forma geral, sendo reconhecida nas últimas décadas como um fator de risco para o desenvolvimento humano. Segundo a Organização Mundial da Saúde a violência consitui-se na utilização intencional da força ou poder físico, por ameaça ou de fato, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulta em ou tem alta

probabilidade de resultar em ferimentos, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação.

No ambiente escolar são diversas as manifestações de violência, algumas afetam os professores, outras aos funcionários e na sua maioria aos alunos em suas diversas faixas etárias. Conforme Abramovay (2006), “ a violência na escola é um fenômeno múltiplo e diverso, que assume determinados contornos em consequência de práticas inerentes aos estabelecimentos escolares e ao sistema de ensino, bem como às relações sociais nas escolas”.

A indisciplina é susceptível de múltiplas interpretações. Podendo ser o “indisciplinado” a princípio alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma explícita ou implícita, sancionada em termos escolares e sociais. Segundo Gotzens (2003, p. 22) a disciplina escolar não consiste em um receituário de propostas para enfrentar os problemas de comportamentos dos alunos, mas em um enfoque global da organização e da dinâmica do comportamento na escola e na sala de aula, coerente com os propósitos de ensino. [...] Para isso é preciso, sempre que possível, antecipar-se ao aparecimento de problemas e só em último caso reparar os que inevitavelmente tiverem surgido, seja por causa da própria situação de ensino, seja por fatores alheios à dinâmica escolar.

E ainda de acordo com Garcia (1999, p.102)

o conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada. É preciso, por exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental. Ainda, é necessário pensá-la em consonância com o momento histórico desta virada de século.

Tradicionalmente o método utilizado para se tratar da indisciplina na escola é o da repressão, mas estes métodos só funcionam com sujeitos que temem a autoridade, ou ainda que são identificados e conseqüentemente são inspecionados e cobrados por suas atitudes. No caso da violência velada, silenciosa e permanente, entre pares ou grupos este método pode não ser eficiente ou não diagnosticar os verdadeiros sujeitos dos fatos de violência que ocorrem no ambiente escolar. (Cham, 1996)

É inegável que dentro do contexto escolar observam-se outras manifestações e comportamentos que envolvem a violência e as diversas formas de agressão, além do

fenômeno bullying, mas as questões relativas ao enfrentamento entre pares torna-se cada vez mais relevante, apesar de historicamente este fenômeno já estar nele inserido há muito tempo.

“ Uma das formas de violência escolar, que tem merecido grande atenção por parte de pesquisadores nas últimas décadas, tem sido denominada, na literatura internacional, como bullying. Bullying é uma forma de violência frequente ocorridas entre colegas na escola. Alguns autores tem utilizado o termo intimidação para se referirem ao fenômeno “. (Pinheiro, 2006. p.4)

Conforme Olweus (1999, p.10), em sua definição de *bullying* considera que “um estudante esta sendo vitimizado quando é exposto, repetidamente e por um tempo prolongado, a ações negativas por parte de um ou mais estudantes”.

Definimos por agressividade/*bullying* o que a literatura refere por comportamentos agressivos de intimidação o que apresentam um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com caráter regular e frequente. No conceito de *bullying* está contida a agressão individual e em grupo (Olweus, 1993a).

Pereira (2002, p.16), “define o tema por comportamentos agressivos de intimidação ao outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com caráter regular e frequente.”

Para Smith & Sharp (1994) por *bullying*, entende-se o abuso sistemático de poder entre pares ou um processo de agressão intencional e repetido (OLWEUS, 1993b). Duas características adicionais referente ao *bullying* parecem estar associadas; uma primeira seriam os benefícios diretos ao agressor e a segunda a satisfação pessoal em maltratar o outro (Pereira, 2001).

Conforme Pereira (2007), a designação deste fenômeno na língua portuguesa necessita de uma identificação dos atributos de personalidade dos sujeitos envolvidos aos incidentes agressivos, relacionados às características comportamentais que estes mesmos sujeitos assumem. Portanto adota-se o termo bullying associado ao termo agressividade, por não se conseguir uma tradução fiel, em uma agressão deliberada entre pares.

### **Formas de manifestação do bullying**

Os atos de *bullying* identificados na escola apresentam determinadas características comuns: são comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma determinada vítima; apresenta uma relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos.

Uma outra característica a ser observada é que os comportamentos de *bullying* podem ocorrer de duas formas direta e indireta, ambas aversivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima.

“A direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social” (Fante 2005, p.50).

Smith e Sharp (1994) apresentam a mesma classificação, ou seja, o *bullying* de forma direta que engloba a forma física e verbal, e a indireta. Os autores acrescentam ainda que as agressões físicas sejam as mais típicas entre os rapazes, enquanto que entre as meninas as verbais é que aparecem com maior ênfase. Pereira (2001, p.29) refere que as formas indiretas são mais difíceis de serem identificadas e produzem “efeitos mais sérios e, sobretudo mais duradouros”.

Porém Lopes (2005, p.166), classifica o fenômeno *bullying* da seguinte forma: “o bullying direto, que engloba a imposição de apelidos, assédios, agressões físicas, ameaças, roubos e ofensas verbais; o *bullying* indireto, que envolve atitudes de indiferença, isolamento e difamação e o *Cyberbullying*.”

O *cyberbullying* é a forma virtual de praticar *bullying*. É uma modalidade que vem preocupando especialistas, pais e educadores em todo o mundo, por seu efeito multiplicador do sofrimento das vítimas. Na sua prática utilizam-se as modernas ferramentas da internet e de outras tecnologias de informação e comunicação como e-mails, torpedos, blogs, fotoblogs, orkut e MSN, móveis ou fixas, com o intuito de maltratar, humilhar e constranger (Fante e Pedra, 2008).

Os autores comentam ainda que, é uma forma de ataque perversa, que extrapola os muros da escola, ganhando, dimensões incalculáveis. A diferença está nos métodos e nas

ferramentas utilizadas pelos praticantes. O *bullying* ocorre no mundo real, enquanto o *cyberbullying* ocorre no mundo virtual.

Um estudo foi realizado e apresentado recentemente no 4th Word Conference sobre as práticas de bullying através de novas tecnologias, procuraram identificar em que medida o recurso a estas práticas estão relacionadas com padrões de empatia e descomprometimento moral em agressores, vítimas e observadores, numa amostra de adolescentes portugueses que frequentam o 7º ao 9º ano da escolaridade em duas cidades do norte e sul do país. Os resultados revelam que as práticas de *cyberbullying* são um fenómeno emergente, claramente associadas ao uso comum das novas tecnologias, embora os adolescentes mostrem estar pouco informados e conscientes do impacto que estas práticas podem causar. (Almeida, Correia, Esteves, Gomes, Garcia & Marinho, 2008).

Convém ressaltar que os envolvidos com o *bullying* estão propensos a diversas implicações que interferem de forma negativa nas atividades sociais, por serem submetidos a tais formas de violência.

### **Ciclo de agressão do bullying**

As diferentes formas e papéis assumidos pelos participantes dos casos de bullying, geralmente alunos, podem estar definidos dentro dos perfis que se apresentam: agressor, vítima, vítima/agressor e o expectador. (Olweus, 1978; Pereira, 2002). Porém em todos os segmentos sociais estes personagens ou atores estão inseridos ou constituídos através de poderes e organizações, não sendo o bullying uma forma de violência característica somente do ambiente escolar, pois, “ De fato a violência conceituada como bullying é observada em escolas – e em outros ambientes como no trabalho, na casa da família, nas forças armadas, prisões, condomínios residenciais, clubes e asilos”. (Antunes e Zuin, 2008, p.34)

Desta maneira, é possível se identificar os atores ou participantes destas manifestações de violência e agressões, existindo uma diferença nos papéis que cada um assume ou executa, estes papéis encontram-se muito bem definidos no esquema baixo, o qual representa o ciclo de agressão mais comum verificado entre os alunos envolvidos em casos de bullying no contexto escolar, conforme demonstrado na ilustração 1.

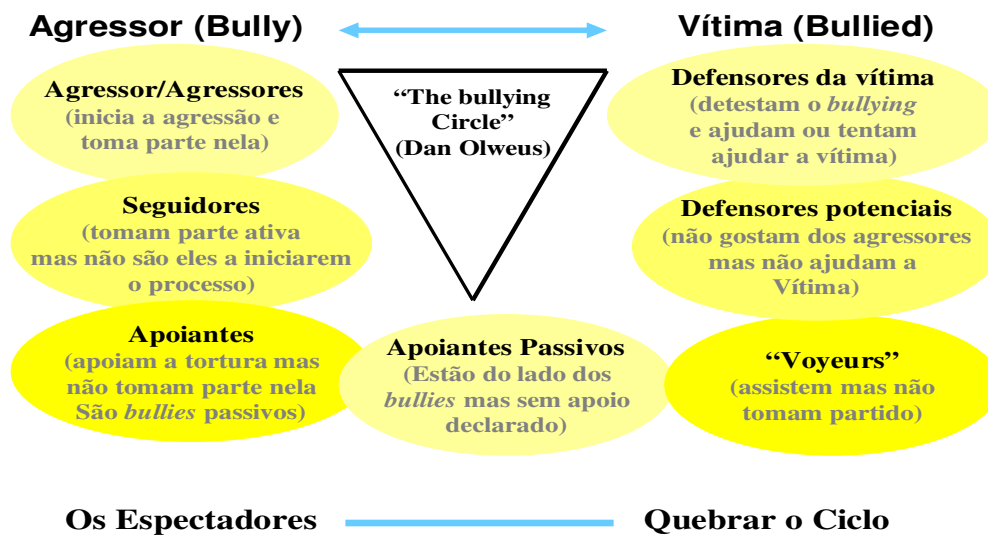


Ilustração 1: Ciclo da Agressão (Neto, 2006)

Os agressores, acham que todos devem realizar suas vontades, e por uma orientação ou educação pouco adequada, querem ser o centro das atenções. Sentem-se recompensados, mesmo que em curto prazo, por obterem status, poder ou objetos materiais que lhe eram desejáveis, portanto sentem prazer em estar na situação ou no papel que desempenham durante as ações de ameaças, agressões ou ridicularização das vítimas. De acordo com Pinheiro (2006), citados por Griffin & Gross (2004) a longo prazo as consequências podem ser desastrosas para os autores do bullying, como o envolvimento em situações de violência doméstica, delinquências ou outros crimes de maiores vultos.

As vítimas geralmente são frágeis, sentem-se desiguais ou prejudicados e dificilmente pedem ajuda, demonstram desinteresse, medo ou falta de vontade para frequentar a escola. Conforme Duncan (1999) muitos dos problemas sofridos pelas vítimas do bullying, mesmo após terem deixado a escola, em comparação às pessoas que não foram vítimas desta violência, tem maior probabilidade de sofrer sintomas de depressão e baixa da auto-estima na idade adulta.

Neste sentido conforme Parker & Asher, citado por Pereira (2008) destacam que "a rejeição social que as vítimas frequentemente experienciam é um sólido indicador de problemas de ajustamento na adolescência e na vida adulta. Além dos efeitos a longo prazo

que também são preocupantes, especialmente os que estão relacionados com a auto-estima e a capacidade de se relacionar com os outros.”

E os observadores, ou não participantes tornam-se observadores dos fatos violentos, aprendem a conviver com eles e se calam, as testemunhas de ações de bullying, muitas vezes sem o envolvimento direto tem sentimentos extremamente negativos em relação aos fatos observados. “ Quando identificados um autor e uma vítima, ambos devem ser orientados. Seus pais devem ser alertados e estar cientes que seus filhos, agressor ou agredido ( ou ainda observador), precisam de ajuda especializada”. (Nogueira, 2005, p. 101)

Os impactos do bullying tornam-se amplos para todos os envolvidos, dependendo da situação em que se encontrem ou do papel que estejam assumindo. Conforme a grande maioria dos pesquisadores da área, os quais admitem que o bullying envolve aspectos culturais, sociais, políticos, económicos e individuais. Os individuais fazem referência ao desenvolvimento da personalidade no ambiente em que o sujeito está inserido, os culturais à sociedade que limita o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos em uma direção específica ou a condições objetivas desta violência de uma pessoa com a outra. (Antunes & Zuin, 2008)

### **Estudos e intervenções quanto ao bullying**

O Bullying, um fenômeno que está sendo pesquisado com muita frequência, ainda é um fenômeno pouco conhecido no Brasil, apesar de estar crescendo o interesse e atenção da mídia em relação à sua grande relevância social. O termo bullying, que não existe na língua portuguesa, significa as formas de agressões intencionais feitas repetidamente, com a intenção de causar angústia ou humilhação a outro indivíduo.

Por outro lado, o bullying pode ser considerado como um fenômeno antigo, por tratar-se de uma forma de violência que sempre existiu nos meios escolares e no contexto social, onde os mesmos “valentões” ou “poderosos” continuam a oprimir suas vítimas, muitas vezes por motivos irrelevantes e que continuam despercebidos por uma maioria dos profissionais envolvidos com a educação ou com o sistema de legitimação de direitos e deveres em diversas instituições sociais.

Dan Olwues, no ano de 1978, através da Universidade de Bergen localizada na Noruega, deu início aos estudos acadêmicos do fenômeno, mas foi ignorado por outros



cientistas e teve pouca relevância para a época. Após o suicídio de alunos alvos, vítimas de bullying, vários pesquisadores em diversos países iniciaram estudos para a compreensão de sua problemática e abrangência social. O questionário de Olweus denominado “Olweus Bully/Victim Questionnaire”, cuja primeira versão data de 1983, é certamente o instrumento mais difundido; o mesmo é constituído por 25 questões de múltipla escolha, as quais relacionam-se às características sócio-demográficas, sobre as relações de amizade e as principais características de vitimização e de agressão.

Olweus (1993) na Noruega, no ano de 1983, realizou uma pesquisa com 130.000 estudantes com o objetivo de verificar a incidência de participação dos alunos em casos de bullying, os resultados apontaram que 15% dos participantes do estudo já estavam envolvidos com casos de bullying, o que demonstrava que 1 entre 7 alunos já eram potenciais vítimas ou autores dos diversos tipos de agressões e que destes 9% eram vítimas e 7% agressores.

Pereira (2008) relata que em Portugal, Almeida em 1999 utilizou uma amostra de 6200 estudantes da cidade de Braga e constatou que 20% dos alunos eram autores e 15% alvos desta modalidade de violência. Pereira (2002) com 3341 estudantes da mesma cidade e 4 escolas da cidade de Guimarães, a qual concluiu que 21,6% dos alunos eram alvos e 15,4% autores, apontando de forma especial, que o local de maior incidência dos casos de bullying ocorriam no momento do recreio escolar.

Ainda, conforme Pereira (2008) na Inglaterra Whitney & Smith (1993) apresentam uma primeira investigação realizada na cidade de Sheffield, a qual realizou-se em 24 escolas primárias e secundárias, sendo 17 escolas com idade entre 8 e 11 anos e 7 escolas entre os 11 e 16 anos, o que constituiu uma amostra total de 6000 alunos entre 8 a 16 anos, onde os autores verificaram a seriedade do problema e sua difusão em todas as escolas participantes.

Estes estudos tem um ponto em comum que é a análise das diferenças do comportamento agressivo e de vitimização entre rapazes e raparigas, quanto à frequência destes comportamentos e quanto às formas de agressão mais usadas, em particular quando sistematizadas em três formas fundamentais: a agressão física, a agressão direta verbal e a agressão indireta. (Pereira, 2008, p. 51)

As investigações desenvolvidas no Brasil ainda encontram-se em um estágio de desenvolvimento inicial, em relação a outros países, especialmente no continente Europeu, onde estudos, pesquisas e projetos de intervenção tem uma organização e investimentos muito mais aprofundados.

No Brasil, conforme Oliboni (2008) , no ano de 1997 Canfield utilizando o modelo adaptado do questionário desenvolvido por Olweus desenvolveu uma primeira pesquisa em 4 escolas públicas da cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul.

A ABRAPIA realizou um levantamento com 5875 alunos de 11 escolas da cidade do Rio de Janeiro, constatando que 40,5% dos alunos já haviam se envolvido com casos de bullying, sendo 16,9 % alunos vítimas, 12,7% alunos agressores e 10,9% vítimas/agressores e destes 60% apontaram a sala de aula o ambiente de maior prevalência dos casos de bullying. (Oliboni, 2008)

Reportagens e pesquisas apresentam uma realidade ainda mais dura quanto ao bullying, no momento atual. A revista ISTO É nº 2026 (2008) retrata a realidade deste tipo de violência destacando que “ crianças e adolescentes isolam, insultam, agredem colegas e expõem uma realidade alarmante: pais e colégios não sabem como lidar com agressões que começam cada vez mais cedo”, alertando que 28% das crianças brasileiras já foram vítimas de bullying, destas 15% sofriam agressões todas as semanas e ainda que 45% dos estudantes do ensino fundamental relatam terem sido agressores, vítimas ou ambos.

Outro relato apresentado na revista MAIS SAÚDE nº 116 (2006) destaca que “ o período escolar é sempre marcado por boas recordações, menos para as crianças e adolescentes vítimas de bullying, um comportamento agressivo que intimida e humilha os colegas”, destacando que em Curitiba, onde a pesquisa foi realizada os dados são insuficientes, mas que no Rio de Janeiro a ABRAPIA mostrou a incidência de 60% de casos nas escolas cariocas.

### **Consequências para as vítimas e agressores do bullying no contexto escolar**

O bullying requer pelo menos dois protagonistas que interagem numa situação: o agressor e a vítima Cerezo (2001). Interações entre agressores e vítimas podem ser vistas como uma forma de relação porque muitas vezes, como acontece na situação de *bullying*, envolve os mesmos participantes ao longo do tempo (Ladd et al., 2004, p.398).

Segundo Costa e Vale (1998), as vítimas apresentam comportamentos e atitudes não agressivas e geralmente, são contra a violência e as estratégias violentas.

Perante o bullying, as vítimas temem a escola, pois a vêem como um local desagradável e inseguro. Olweus (1993a; 1993b) refere à frequência em ser vítima decresce com a idade. No entanto, o caráter persistente e intencional dos comportamentos agressivos, causadores de perturbações diárias e prejudiciais ao rendimento escolar da vítima, podem também estar associados a conseqüências que decorrerão ao longo de sua vida, como é o caso da depressão em idade adulta (Pereira, 2002).

As vítimas transformam-se em adultos inseguros, com uma auto-estima mais pobre e uma tendência maior para entrar em estados depressivos. Algumas vítimas acabam no suicídio, enquanto outras se tornam, elas próprias, em pessoas violentas. Os agressores, através das relações muito específicas que mantêm e aprendem como a falta de respeito pelas regras e normas de convivência social, acabam por entrar numa vida de pré-delinquência, envolvendo-se mais tarde em problemas de conduta, com a droga, alcoolismo, crimes, terminando muitas vezes na cadeia (Olweus, 1993a, Olweus 1993b, Marques et al.,2001).

Os agressores são definidos por Olweus (1993a; 1993b) como fisicamente fortes, com tendências agressivas, tanto em relação aos adultos como em relação aos pares. Expressam falta de empatia para com as vítimas e reduzidos sentimentos de culpa na seqüência dos seus atos.

Uma característica que identifica os agressores típicos é a sua atitude guerreira com os companheiros. Em geral, têm maior tendência para a violência e para o uso de meios violentos que os outros alunos. São caracterizados pela sua impulsividade e uma necessidade imperiosa de dominar os outros. É freqüente que tenham uma opinião relativamente a si mesmos (Olweus 1993a;1993b).

Com relação a isso Olweus (1999) define três características predominantes do agressor: grande necessidade de poder; hostilidade e satisfação em provocar ferimentos e sofrimento aos outros; coação das vítimas de forma a obter bens materiais, como dinheiro, cigarros e outros.

Olweus (1993a;1993b) distingue dois tipos de agressores: os agressores passivos ou seguidores e os agressores típicos. O primeiro constitui um grupo de alunos inseguros e ansiosos, e que participam nas agressões em que normalmente não tomam a iniciativa. Quanto

aos agressores típicos, estes têm um modelo de reação agressiva combinado (quando se tratam de rapazes) com a força física.

Segundo Kennedy & Peery (1993) in Pereira (2008) as crianças agressivas diferem das não agressivas quanto às expectativas e valores. As características mais diferenciadoras parecem ser: dificuldade no controle de seus impulsos, défices nas aptidões sociais e crenças irracionais, entre outras. A criança agressiva espera que a agressão resulte no controle da vítima e não espera retaliações.

No Reino Unido, Lane (1989) afirma que ser agressor na escola é um forte preditor de delinqüência. Olweus (1989), em estudo realizado com alunos do ensino secundário até os 24 anos, refere que a probabilidade de condenação em penas julgadas é cerca de quatro vezes maior para os alunos que foram agressores na escola do que para os não agressores, o que indica a existência de fatores de risco precipitantes de futuras carreiras delinquentes para as crianças que com freqüência agridem/intimidam.

#### Conseqüências do bullying para as vítimas:

- a) Temem a escola, pois vêem-na como um local desagradável e inseguro;
- b) Transformam-se em adultos inseguros;
- c) Adquirem uma auto-estima mais pobre e uma tendência maior para entrar em estados depressivos;
- d) Apresentam frequentes problemas de relacionamentos sociais, íntimos e familiares;
- e) Algumas vítimas acabam no suicídio, enquanto outras se tornam, elas próprias, em pessoas violentas.

Em síntese, muitas conseqüências da vitimação podem também ser associadas à sua causa, observando-se um *feedback* permanente entre o *output* e o *input*, reforçando certas tendências e agravando as dificuldades (Pereira, 2008). Concorda-se com a autora relativamente às conseqüências para as vítimas: Vidas infelizes sob a sombra do medo, perda de confiança nos outros e dificuldades de ajustamento na adolescência.

#### Conseqüências do bullying para os agressores:

- a) Dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advém, compreendendo as dificuldades na inserção social;

- b) Problemas de relacionamento afetivo e social e incapacidade ou dificuldade de auto controle e comportamentos anti-sociais.
- c) Através das relações muito específicas que mantêm e aprendem, como a falta de respeito pelas regras e normas de convivência social, acabam por entrar numa vida de pré-delinquência;
- d) Envolvem-se mais tarde em problemas de conduta, com a droga, alcoolismo, crimes, terminando muitas vezes na cadeia.

(Olweus, 1993a, Olweus 1993b, Marques et al.,2001).

Conforme pesquisas realizadas, no âmbito escolar, no que diz respeito aos locais de maior incidência dos casos de bullying, o mesmo acontece em todos os locais e ambientes da escola. Mas com muita incidência, o local onde mais ocorre o fenômeno é o espaço do recreio.

Amalia, Neto e Angulo (2008) comentam que o tempo de recreio, ou o tempo livre do controle dos adultos, é uma parte fundamental da escola, e se questionarmos as crianças de diferentes países, provavelmente vão afirmar que o espaço do recreio é o lugar mais interessante da escola onde podem escolher de forma livre o que querem e podem estar com os seus amigos. No entanto, para muitos adultos e professores, inspetores e coordenadores este espaço da escola é um amontoado de crianças barulhentas em permanente confusão Armitage, (2001). Para Factor (2001) a educação em massa é responsável pela forma adulta deformada de ver o recreio porque pensam que o que as crianças fazem não é importante, verificando-se que apenas alguns adultos observam o recreio com interesse.

### **Sinais que podem auxiliar para identificar as vítimas e agressores de bullying**

Existem maneiras muito diretas de identificar os alunos vítimas deste tipo de agressão, quando somos os próprios testemunhos de episódios freqüentes com a mesma criança ou ainda quando as denúncias feitas por outras crianças são levadas a sério e apuramos os verdadeiros fatos.

Contudo, o maior índice dos casos de bullying na escola passam despercebidos ou são mantidos em segredo durante muito tempo. Devemos estar atentos a determinados

comportamentos e obter o maior número de informações junto a outros alunos e aos pais quanto à mudanças ou sinais que possam identificar com maior eficiência as possíveis vítimas.

Especialistas, através de estudos e pesquisas já realizadas nesta área, classificaram as vítimas como passivas e provocadoras. (Beane, 2006)

Ainda segundo Beane (2006) as vítimas passivas são solitárias, ansiosas e sensíveis, não tem poder de auto-defesa e não reagem rapidamente às situações, pois geralmente não tem muitos amigos que possam ajudá-las. As vítimas provocadoras se excitam com facilidade, são impulsivas e irritantes, insultam e instigam os agressores e fazem de si mesmos alvos, no entanto não tem capacidade de defesa.

Olweus (1978,1987) citado por Pereira (2008) relata que as crianças que são vítimas do bullying não são assertivas e não dominam algumas competências sociais. Se caracterizam pelo medo e falta de confiança, são ansiosa e sentem-se incapazes de reagir quando agredidas. Apresentam ainda dificuldades de interação e muitas vezes são excluídas do convívio social.

Os agressores geralmente fazem valer a sua força física ou sua habilidade de desequilíbrio emocional para aterrorizar os mais fracos. Geralmente são arrogantes e prepotentes, metidos em confusões e desentendimentos. Podem ser alunos com grande capacidade de liderança e persuasão, que usam de suas habilidades para submeter os outros ao seu domínio. (Fante, 2008)

Pereira (2008) destaca que os agressores tem muita confiança em si mesmo e não tem medo, muitas vezes apresentam tendências agressivas devido a histórias e fatos advindos dos relacionamentos familiares.

Neto (2006) apresenta alguns dos sinais mais freqüentes apresentados pelos alunos que são vítimas do bullying:

- Recusam-se a ir para a escola, utilizando de qualquer desculpa;
- Apresentam comportamentos de tristeza, melancolia e angústia (choro, stress, impulsividade, etc.) ;
- Procuram caminhos alternativos na ida e volta da escola;

- Estranha diminuição do rendimento escolar, notas baixas e dificuldades de aprendizagem;
- Redução da socialização com colegas, ficando isolados;
- Pedidos injustificados de dinheiro aos pais;
- Aparecem frequentemente com arranhões e cortes não justificados;
- Aparecimento de objetos pessoais danificados;
- Queixas de mal estar geral (fadiga, dores de cabeça, de estômago, etc.)

### **Sugestões de atitudes para pais e professores**

Fante e Pedra (2008) comentam que uma vez a violência tenha adentrado na escola muitos diretores e professores se perguntam: o que fazer? O autores sugerem algumas medidas, procedimentos e encaminhamentos diante do problema identificado, o bullying.

Num primeiro momento há de reconhecer que a violência é um problema social e que a escola tem um papel fundamental na sua redução por meio de ações e programas preventivos buscando parcerias com as famílias dos alunos envolvendo-os com o problema. Torna-se fundamental que cada escola se constitua uma comissão ou equipe que possa articular políticas preventivas e capacitar seus profissionais para atuar de forma segura sem correr riscos.

Neto (2006) relata que a escola deve ouvir e dar atenção as reclamações e depoimentos e denúncias dos alunos quando estas se referem a violência. Além disso, a escola deve fazer um registro de toda e qualquer reclamação identificando os agressores e vítimas do fato.

Após o registro deve-se dar atenção a intensidade, duração e frequência que tem acontecido e se os alunos são os mesmos. Torna-se importante neste processo comunicar aos responsáveis pela instituição, diretores, coordenadores pedagógicos ou disciplinares do que se tem observado para que os memos tomen providências diante dos fatos violentos que se tornam comum no dia a dia da escola.

Sugestões de medidas para identificação e intervenção:

1. Devemos ser solidários ao longo do processo e nos empenharmos em reduzir ou eliminar os casos de bullying da sala de aula e da escola como um todo. “ Deve-se dar

exemplos e explicar que há outros comportamentos não observáveis no que diz respeito aos alunos na escola, e que precisa de ajuda ou auxílio para poder identificar estes comportamentos.” (Beane, 2006)

2. Se houver uma suspeita de que um aluno possa estar sendo vítima de bullying, devemos partilhar as preocupações com outros professores e funcionários da escola;

3. Deve-se solicitar informações como o aluno é tratado por outras crianças e se houve alterações súbitas de comportamento, ou seja, se o aluno relatou sentir preocupação ou medo de estar na escola;

4. Verificar com os supervisores e responsáveis pelos espaços de recreio e transporte escolar, como o aluno é tratado nestes ambientes, isto pode trazer alguns indicativos de uma situação que não é isolada, mas que acontece de forma freqüente e regular, vindo a caracterizar-se como bullying;

5. É extremamente importante que o professor e todos os envolvidos no processo de organização da escola, assumam o fato e acreditem que o bullying é um problema que pode e necessita ser identificado, diagnosticado e resolvido;

6. Deve-se dar abertura para se quebrar o código do silêncio (Beane, 2006) existente entre os alunos que acreditam que os adultos em nada podem ajudar. Isto pode ser obtido através de histórias sobre o tema, inquéritos, caixa de bilhetes ou sugestões e reações adequadas aos relatos de casos de agressão, violência e conseqüentemente de bullying;

7. Devemos encorajar os alunos a realizarem relatos de suas histórias e depoimentos sobre o bullying e ouvir atentamente, fazendo perguntas esclarecedoras, sem fazer questionamentos ou interrupções, mostrar simpatia sem reações exageradas e demonstrar que acredita naquilo que o aluno está a contar;

8. Se em alguma situação de relato ou denuncia houver a citação de ameaças a suicídio ou vingança, deve-se levar este fato muito a sério e procurar imediatamente uma ajuda profissional;

9. No caso de ser testemunha de uma ocorrência de bullying, deve-se intervir imediatamente, no momento e no local em que o fato esteja ocorrendo, sem tentar falar com



os envolvidos ou pedir sugestões, mas dar um ponto final à ação que está se desenvolvendo, pedindo aos outros que se afastem e retornem aos seus lugares, pois isto vai diminuir a audiência e conseqüentemente acabará com o “poder” do bully (agressor), que quer receber a atenção para a ação que ele está causando;

10. Em casos mais graves ou na incidência de casos muito freqüentes verificar e estimular a possibilidade da criação de um programa de aconselhamento (Beane, 2006), oportunizando encontros entre pessoas que possam interagir uns com os outros e debater temas específicos ou simplesmente deixar com que os participantes falem livremente sobre as questões relativas ao tema;

11. Os alunos que não são vítimas e nem agressores, geralmente reconhecidos como expectadores, que podem ou não saber o que fazer em casos de testemunharem ocorrências de bullying, devem ser estimulados e mobilizados para atuarem diante desta situações, sendo responsáveis no mínimo por relatarem os fatos ocorridos aos professores e responsáveis pelas atividades e locais em que as crianças freqüentem e que sejam vítimas;

12. Se um aluno vier falar ou relatar um incidente de bullying, como testemunha ou vítima, a primeira e mais importante ação é saber ouvir.

É necessário procurar sinais de alerta para se identificar, de forma especial, as vítimas de bullying, e caso um aluno evidencie os sintomas é urgente contactar os pais ou convocá-los para uma reunião.

A escola tem como minimizar os problemas do bullying criando e implantando programas de intervenção antibullying bem como acompanhar sua evolução, criando um ambiente favorável, encarando e aceitando as situações de bullying como uma realidade do contexto social e escolar em que está inserido, devemos informar aos pais os esforços que estão sendo feitos para a prevenção e a intervenção necessária, convidando os pais para encontros, palestras sobre o tema ou através de comunicados oficiais da escola que devem ser enviados pelos próprios filhos, para incentivar e permitir aos mesmos a segurança necessária para buscar apoio e ajuda em todas as instâncias possíveis.

E o papel dos pais diante do fenômeno bullying, como devem proceder?

É importante que, antes de repreender os filhos ou alunos, é preciso ouvi-los sem animosidades, com disposição de ajuda ao fortalecimento da auto-estima na resolução dos seus conflitos. Para isso é necessário que se reforcem e elogiem os aspectos positivos da criança e seus acertos, para que se sintam seguras e confiantes. Somente assim é possível que os alunos quebrem a barreira que impede a vítima de denunciar. Os pais devem ser para os seus filhos o porto seguro, a pessoa que eles devem confiar, assim sugere-se que o diálogo seja constante com seus filhos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. & RUA, M. G.. **Desafio e alternativas: violência nas escolas**. Brasília: UNESCO/UNDP, 2003.

ALMEIDA, A., CORREIA, I., ESTEVES, C., GOMES, S., GARCIA, D & MARINHO, S. **Espaços virtuais para maus tratos reais: as práticas de *cyberbullying* numa amostra de adolescentes portugueses**. Astor, R. A., Debardieux, E. e Neto, C. (editores). IV Conferência Mundial. Violência na Escola e Políticas Públicas. Cruz Quebrada: FMH, 2008

AMALIA, R. M., NETO, C., ANGULO, C. A. **Corpo em movimento: outras formas de distinguir luta a sério de luta a brincar nos jogos do recreio**. Pereira, B. O., Carvalho, G. S.. Actividade física, saúde e lazer: modelo de análise e intervenção (coord.). Lisboa e Porto: Lidel, 2008.

ANTUNES, D. C. & ZUIN, A. A. S. “ **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**”. *Revista Psicologia e Sociedade*, 20 (1), 33-42, 2008.

ARMITAGE, M. “**The ins and outs school playground play: children’s use of play spaces**”. In Julia Bishop & Mavis Curtis (ed), *Play Today in the Primary School Playground*. Buckingham: Open University Press, 37-57, 2001.

BEANE, Allan L. **A sala de aula sem bullying**. Porto editora, 2006.

CANDAU, Vera Maria , LUCINDA, Maria da Consolação, NASCIMENTO, Maria das Graças. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CEREZO, R. F. **Condutas agressivas na idade escolar**. Lisboa: McGraw-Hill, 2001.

CHAM, N. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Summus, 1996.

COSTA, M., VALE, D. **A violência nas escolas**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1998.

FACTOR, J. “**Three myths about children’s folklore**”. In Julia Bishop & Mavis Curtis (ed), *Play Today in the Primary School Playground*. Buckingham: Open University Press, 24-36, 2001.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, SP: Editora Verus, 2005.

FANTE, C., PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artemed, 2008.

GARCIA, Joe. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 95. jan./Abr., 1999, p. 101-108. Acesso em: 21.set.2006.  
<[http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista\\_PR/95/joe.pdf#search=%22indisciplina%20referencias%22](http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista_PR/95/joe.pdf#search=%22indisciplina%20referencias%22)>

GOTIZENS, C. **A disciplina escolar: prevenção e intervenções nos problemas de comportamento 2**. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LADD, G. W., BUHS, E. S. & TROOP, W. **Children’s interpersonal skills and relations in school settings: Adaptive significance and implications for school-based prevention and intervention programs**. In P. K. Smith & C. H. (Eds.) *Blakwell handbook of childhood social development* (pp. 394-415). Malden, Oxford, Victoria: Blakwell Publishing, 2004.

LANE, D. A. **Bullying in school. The need for an integrated approach**. *School Psychology Internacional*, 10, 211-215, 1989.

LOPES N. A. A & SAAVEDRA, L.H. “**Diga não para o bullying- programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**.” Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

LOPES, N. A. A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal Pediatria*. Rio de Janeiro, 164 -172, 2005.

MARQUES, A. **A intervenção no recreio e a prevenção de comportamentos anti-sociais**. In. B. Pereira, A. P. Pinto (eds), *A escola e a criança em risco – intervir para prevenir*, p. 183-195. Edições Asa, 2001.

OLWEUS, D. **Prevalence and incidence in the study of anti-social behavior: Definitions and measurement**. In, M. Klein (ed). *Cross-national research in self-reported crime and delinquency*. Dordrecht, The Netherlands, Kluwer, 1989.

OLWEUS, D. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. Madrid: Ediciones Morata, 1993a.

OLWEUS, D. **Bullying at school. What we Know and what we can do**. Oxford: Blackwell, 1993b.

OLWEUS, D. **Europe – Scandinavia – Sweden**. In P. K. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano and P. Slee (eds). *The Nature of School Bullying – A cross-national perspective*. London and New York: Routledge, 7-27, 1999.

OLWEUS, Dan. **“A Profile of Bullying at School.”** *Educational Leadership*, March 2003, 12-17, citado por Neto, Carlos Ferreira. VIII Encontro da Sociedade Internacional para estudos da criança. Florianópolis:SC, 2007.

PEREIRA, B. O. **A violência na escola – formas de prevenção.** In. B. Pereira, A. P. Pinto (eds), *A escola e a criança em risco – intervir para prevenir*, Edições Asa, 17-30, 2001.

PEREIRA, B. O. **O bullying na escola e as políticas educativas.** Behrens, M. A., Ens, R. T., Vosguerau, D. S. R. (org.). *Discutindo a educação na dimensão da práxis*. Curitiba: Champangnat, 2007.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação Para a Ciência e Tecnologia, 2ª Edição, 2008.

PINHEIRO, F. M. F. **Violência intrafamiliar e envolvimento em “bullying” no ensino fundamental.** *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal de São Carlos: UFSCar, 2006.